

ECOS DO CONSTRUCIONANDO

PAULA AYUB

*Psicóloga e terapeuta familiar
no Centro de Convivência
Movimento*

Esta seção sempre apresenta a reflexão de um leitor sobre um ou mais artigos do número anterior que mais o tocaram. Neste número, não podíamos deixar de trazer os ecos do Construcionando III.

Nos dias 5 e 6 de outubro de 2012, foi realizado em São Paulo o terceiro Construcionando – evento bianual, organizado pela revista *Nova Perspectiva Sistêmica*, que teve início no Rio de Janeiro, em 2008.

Tínhamos duas novidades: o evento seria realizado em São Paulo e contávamos com a participação de três convidados estrangeiros: Jim Wilson, terapeuta de famílias com crianças, consultor de terapia sistêmica do Conselho de Psicoterapia do Reino Unido e de terapia familiar do Serviço Nacional de Saúde Britânico, John Shotter, professor emérito de Comunicações da Universidade de New Hampshire, EUA e pesquisador associado do Centre for Philosophy of Natural and Social Sciences da London School of Economics, em Londres, Reino Unido, e Marcelo Pakman, psiquiatra comunitário, psicoterapeuta e terapeuta familiar, conferencista e professor em mais de oitenta cidades da América do Norte, do Sul, Europa e Ásia.

Embora seja difícil competir com o charme do Rio, o desafio maior foi aproveitar ao máximo os convidados sem perder o estilo participativo que foi marca registrada das edições anteriores do evento.

O programa foi construído a muitas mãos: de São Paulo, Helena Maffei Cruz, Marilene Grandesso e Mary Jane Spink. De Ribeirão Preto, Carla Guanaes e Marisa Japur. De Uberlândia, Emerson Rasera, e de Barcelona, sempre ligado em todos os assuntos da revista, Adriano Beiras. Do Rio de Janeiro, os idealizadores e organizadores dos encontros anteriores: Carlos Eduardo Zuma, Eloisa Vidal Rosas, Jorge Bergallo e Rosana Rapizo.

Quatro meses de e-conversas levaram aos temas e formatos que derivavam do nome escolhido: Construcionando III – Percursos e Horizontes.

Nossos convidados iniciaram o programa com uma mesa redonda na qual suas ideias e atividades narravam seus percursos e, depois de um intervalo, alguns dos colaboradores brasileiros conversavam com eles. Depois do almoço, foi a vez dos participantes falarem em subgrupos sobre o que os tocava do apresentado pelos convidados e de elaborarem uma proposta sobre como queriam prosseguir.

Mesclando momentos de plenária, subgrupos e conversas entre os convidados prosseguimos mirando horizontes, falando de práticas, dialogando em grupos de interesse.

Paula Ayub nos traz os emocionados ecos do evento em sua vida pessoal e no trabalho.

“Come to the edge.
We might fall.
Come to the edge.
It’s too high!

COME TO THE EDGE!
And they came, and we pushed,
And they flew.”
Christopher Logue

Quem participou desse evento e não tem ecoando ainda em seus ouvidos a fala mansa e doce de John Shotter declamando Christopher Logue?

Quem de nós não temeu ir até o beiral das conversações provocadas pelos convidados do Construcionando III?

Quem não voou?

Os convidados, brasileiros ou internacionais, nos provocaram, nos retiraram dos trilhos, nos levaram a terrenos ainda não explorados, ao mesmo tempo em que nos incentivaram a não deixar de ir.

O evento foi um processo; ao seu final, tive a impressão de ter estado imersa nas conversações por dias e dias.

Quem esperava sair de lá com certezas, com padrões de atuação profissional ou respostas, saiu sem recebê-los. Acredito que saímos todos, cada um a partir de sua própria bagagem, com vontade, garra e ética. Meu coração me dizia que eu seria capaz de tudo a que me propusesse.

De onde vinham tais sentimentos, se as conversações foram densas, foram difíceis, até mesmo incompreensíveis em muitos momentos?

Foi a real vivência da Interseção entre o pessoal e o profissional, a coerência entre a forma de ser e a forma de agir profissionalmente, um dos caminhos detalhados na prática colaborativa (London, 2009).

Foi a tomada de consciência da consciência pós-moderna de que, ao contemplar o mundo, encontramos um espaço vazio; sem respostas de certo ou errado, sem paisagens previamente desenhadas, ou setas que indiquem para onde olhar. Pode-se olhar para qualquer lado, porque nenhum lado é melhor que o outro. Todos os lados irão para algum lugar, um lugar onde nossos passos possam nos levar de acordo com o calçado que elegemos, ou a lente que escolhemos para olhar. E ainda, na consciência de que quem escolhe se responsabiliza pelos passos que dá e pelo que vê. Não se trata de uma prática solta e sem destino, mas uma postura responsável pelas próprias escolhas.

Todo o significado esteve ligado ao contexto. O sentido não estava na coisa em si, mas no fenômeno, na experiência, em como armazenamos e organizamos nossas vivências.

A linguagem foi o veículo de construção de sentido em uma construção conjunta. Uma linguagem de “ouvir” gestos e expressões; uma linguagem do corpo e do que se conecta com nossos sentidos.

Em Japur e Rasesa (2004), conversando sobre as perguntas “adequadamente incomuns” na terapia e, em como suas respostas podem ser “ouvidas” nas expressões de quem as recebe, Tom Andersen, segundo os autores, afirma que em algumas situações “ver pode ser mais importante que ouvir”. Penso que é o que busco: um paralelo entre o adequadamente incomum de Tom Andersen e em como ver e viver tal experiência pode ser tão enriquecedor.

E ainda, segundo o próprio Shotter, conforme damos luz as nossas palavras no mundo, não são importantes somente a forma estática e os padrões descritivos de

nossas palavras, mas os desdobramentos de nosso movimento corporal na sua produção.

Comprometidos em uma conversação interna e externa, os convidados debateram tais diálogos com os ouvintes. Enquanto Marcelo Pakman escrevia, anotava seus diálogos e os expunha para uma conversa mais ampliada, Jim Wilson nos presenteava com imagens de seu trabalho com crianças. Sempre sorrindo e afetuoso, nos brindou com uma terapia alegre, leve e curiosa.

Pakman citou diversos filósofos e frases compondo sua história da história da terapia familiar, formulando questionamentos, por vezes desafiadores, que nos fizeram refletir sobre nossos próprios pilares teóricos.

Wilson não falou SOBRE, ele demonstrou como falar COM o ouvinte, COM a criança em seu consultório. Discorreu sobre a fonte inesgotável de recursos que pode advir de seus clientes diante de nosso “não saber” prévio sobre quem temos diante de nós.

Onde mais o Construccionando nos trouxe riqueza profissional? Na relação horizontal entre os convidados e os participantes, na contemplação das diferenças, na humildade do saber, na coerência entre o que se diz e o que se faz.

As conversas em grupos, que se formaram por temas de interesse, coordenados pelos convidados brasileiros, possibilitaram a muitos a expressão, em linguagem falada, das inquietações vividas, das alegrias, das incertezas e da realidade de cada um que se fez ouvir. Em alguns momentos, eram monólogos, discursos mocos, apenas dando vazão a uma correnteza de pensamentos. Em outros, diálogos, conversações, que se encadeavam em novas conversações, tecendo uma rede. Cautelosos, os coordenadores tiveram uma tarefa complexa: encerrar tais conversações sem um ponto final.

Teoria? Aquela que se constrói com ética, responsabilidade e respeito.

Uma postura a se admirar e refletir, um aprendizado para se levar para a vida, um convite a ser aceito: “Come to the edge!”

REFERÊNCIAS

- London, S., St George, S., Wulff, D. (2009). Guia para la colaboración. *International Journal of Collaborative Practices* 1(1):1-8
- Rasera, E., Japur, M. (2004). Desafios da aproximação do construccionismo social ao campo da psicoterapia. *Estudos de Psicologia* 9(3):431-439.
- Ayub, P. (2007). Olhos para ouvir: um processo de reconhecimento da expressão. *Nova Perspectiva Sistêmica* (XV, número 29, pp 82-93). Rio de Janeiro: NOOS.